



Mademoiselle MARIA EMILIA ALLEN. Uma das distintas cantoras amadoras que entra na festa da canção portuguesa.—(Cliché J. Fernandes)

N.º 320 Lisboa, 8 de Abril de 1912

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Anno, 4\$800—Semestre, 2\$400—Trimestre, 1\$300

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Diretor e Proprietario: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSE JOUBERT CHAVES

Redacção, Administração e Officinas de Compo-
sição e Impressão: RUA DO SÉCULO, 43



PARA SENHORES DE EDADE

QUE JULGAM TER PERDIDO PARA SEMPRE AS FORÇAS E O VIGOR DA JUVENTUDE HA UM REMEDIO QUE OS FAZ RECUPERAR A ANTIGA ENERGIA, A

SOMATOSE LIQUIDA

QUE RESTABELECE A ACTIVIDADE DIGESTIVA DE UM MODO COMPLETO, E TONIFICA O SYSTEMA NERVOSO FATIGADO PELO TRABALHO E PELA CONSTANTE AGITAÇÃO DA VIDA MODERNA

A SOMATOSE LIQUIDA (DE SABOR "DOCE" OU "SECCO") E ESPECIALMENTE INDICADA NA NEURASTHENIA, DOENÇAS CHRONICAS, DIABETES, ETC.

EXIGIR SEMPRE O FRASCO ORIGINAL MARCADO

COM A

CRUZ DE BAYER



COMO AS MÃES TRAZEM OS FILHOS



A rainha de Hespanha tendo ao colo sua filha a princeza Beatriz

A mãe é sempre um ser de encanto. Uma linda mulher, com o seu filho nos braços, não acende desejos nos olhares, cria uma ternura nos corações.

Por todo o mundo ela conduz os seus pequenitos com um carinho singular. Ha na mulher esse instinto desde que começa por embalar no seu regaço, quando pequenita, a sua boneca de trapos. Nenhums braços como os seus sabem aconchegar e tanto na Europa, nos pontos mais civilizados, como nas geleiras das regiões polares as mães teem uma enternecedora fôrma de conduzir os seus filhinhos.

Uma gentil senhora da melhor sociedade em Londres ou em Paris, em Lisboa ou em Berlim, quando toma o seu pequenito nos braços fal-o com o mesmo

encanto que n'essa ação tão natural mas sempre tão bela põe a mulher do povo. Mas o caso acentua-se ainda por uma fôrma mais

seu filhinho às costas, como a armenia que conduz sempre co msigo o berço e como as japonezas que os levam em sacos no dorso emquanto caminham.

Sempre, porém, que para os seus seios se movem as boquinhas rosadas das creanças, como sequiosos biquinhos de a vesitas, nos olhos das



1—Divertimento maternal d'uma italiana 2—As beduinias e seu filhos
3—Egípcia com seus filhos.

evidente nas expressões dos rostos d'essas mulheres que são mães.

A europeia, com as suas rendas, com os seus trajos da moda, acarinhando a creança, tem no olhar, no modo, no sorriso reflexo identico ao da mulher esquimau que debaixo d'uma tenda de pele de foca vae criando o pequenino selvagem, que a marroquina que traz o

mães ha a mesma luz que coisa alguma transtorna ou apaga.

Mesmo nas raças noma-das a mulher é assim. Pas-sam, atravez do mundo, as ca-ravanas de ciganas, armam por toda a parte os seus lares d'uns



1—Japonesa de Tokio com o filho durante o inverno 2—Holandeza de Markon e filha
3—como a parisiense atravessa a rua com o seu filho
4—A mãe armenia, o filho e o berço 5—Indiana do Mexico com o filho no berço
à hora do trabalho



dias, dão á luz os filhos na sombra das arvores, nos palheiros onde habitam por esmola, na casinhola sua ambulante moradia. Pois n'ellas o olhar de ternura é o mesmo que o da mais radiosa arquiduqueza quando conduz o seu pequenito.



- 1—Japonezas com os pequenitos
 2—A cigana e o filho
 3—A esquimau e os filhos

Vá para onde fór a mulher, e, sobretudo, no povo, entre as que mais trabalham, leva consigo seu filho.

Umás, como as portuguezas, conduzem-nos nos braços; outras, e sobretudo nos paizes menos civilizados, na Asia, na Africa, levam-nos ás costas e assim até que os pequenitos po-

- 4—A india da California e o filho
 5—Judia marroquina com o filho ás costas

(Clichés Déllus).



xico, as índias, põe os seus filhos n'uma canastra suspensa a evitar a mordedura dos animaes, enquanto vão fazer a colheita da cana ou do tabaco.



Mães lisboen-
ses



dem ensaiar os seus primeiros passos.

Ai, por esse Aterro fóra, as varinas deixam os pequenitos a dormir á s o m b r a enquanto andam na labuta da descarga e no Me-

lho estremecido, conduzindo-o contra o seio ou ás costas, conforme os usos das terras, que podem variar, sem que, contudo, haja desigualdades no amor das mães.



Mas o que ha em ambas, como em



tod'as as mães, é a expressiva ternura dos olhos, a mobilidade bondosa e acariciadora do rosto, quando no intervalo da faina tomam para si novamente o fi-



FIGURAS E FACTOS



Sr. Raul d'Oliveira Marques,
aluno do curso superior de piano
do Conservatorio falecido
em Lisboa



2.º Tenente da armada
Antonio Moniz Vieira, falecido
em Angra do Heroismo



Sr. Eldio Antonio Pinto
da Cruz,
falecido em Lisboa



Luiz de Souza Prado de Lacerda,
pae do empresario da praça
do Campo Pequeno, Luiz Lacerda,
falecido em 26 de Março

A administração
do *Jornal de Noticias* depois
de atacado

O Jornal de Noticias iniciou um artigo que desagradou a uma parte do publico portuense e que era o extrato d'um jornal hespanhol acerca da integridade do nosso paiz. Uma grande multidão assaltou a redação do jornal e quebrou parte do seu mobiliario dirigindo-se depois d'ali para o *Diario do Porto* onde praticou violencias bem como as tentou na casa do sr. dr. Antonio Claro, director do jornal, e que foram impedidas pela Guarda Republicana. Diante d'aqueles acontecimentos o governador civil pediu a demissão, mas o governo não lh'a aceitou.



A redação do *Diario do Porto* depois do assalto
(Clichés do sr. Carlos Pereira Cardoso)

Violinistas Portuguezas



Sr.ª D. Emilia Leiria



Sr.ª D. Stella Freitas Branco



Sr.ª D. Filomena Rocha



Mademoiselle Reynolds



Sr.ª D. Berta Cunha e Menezes

Em Portugal tem-se desenvolvido bastante nos últimos anos o gosto pela mais sublime concepção da arte — a musica — e muitos são já hoje os amadores e artistas, especialmente senhoras, que na cultura da bella arte de Beethoven preferem para instrumento das suas glorias, o que mais prende, em geral, as atenções do publico — o violino.

Ao falecido professor Vitor Hussla, escriturado ha mais de vinte anos pela direção da Academia de Amadores de Musica, agremiação que muitos e relevantes serviços tem prestado á arte, atualmente substituído por D. Pedro Blanch, se devem em grande parte os progressos assinalados da pleiade de violinistas femininas, que já hoje, e de ha muito, enriquecem com os seus formosos talentos as nossas orquestras, quer nos theatros, quer nos grandes concertos, obtendo o numero das senhoras, no naipe dos violinos, uma esmagadora maioria.

E não só a Vitor Hussla se devem tão assinalados serviços na escola do violino, mas também aos sucessores d'este ilustre professor na nossa Academia D. Andrés Goñi, Francisco Benetó e Pedro Blanch.

O Conservatorio de Lisboa da mesma fórma excellentes serviços presta ao ensino das violinistas, estando a direção superior do respetivo curso confiada ao notavel professor de violino Alexandre Betencourt, coadjuvado por outro artista também considerado, sr. Julio Cardona.

D'entre o belo grupo de violinistas portuguezas que hoje reúne a nossa capital, algumas exercem o professorado com dedicação e intelligencia muito para louvar; outras, as *diletanti*, são sempre objeto das mais entusiasticas manifestações do publico, fazendo-se ouvir nos salões de festas como frequentemente nos é dado apreciar no salão da *Illustração Portugueza*.

Algumas senhoras que, por *diletantismo*, se dedicam ao violino, podem bem ser classificadas artistas de subido merito, já por suas naturaes vocações, já pela escola que seguem e respeitam com meticolosa commensão, não esquecendo



Sr.ª D. Elieta Batista



Sr.ª D. Judit Leiria



Sr.ª D. Izabel Bachi Silva

em geral os preceitos dos mestres que esmeradamente as educam.

Para essa deliciosa arte da musica em que tanto sentimento se dispense a mulher com os seus requintes é bem predisposta a sentir e a executar.

Tambem de ha uns tempos para cá a frequencia da nossa escola de musica, d'onde antigamente saiam quasi exclusivamente pianistas, tem augmentado sobretudo em violinistas. Já vemos nas orquestras dos teatros senhoras executantes que assim ganham a sua vida fazendo d'esta nobre arte uma profissão de que tiram os seus meios de vida.

No Conservatorio de Lisboa e na Academia de Amadores de Musica, são frequentemente confiados os logares de professores ajudantes de violino nos desdobramentos das aulas, ás mais talentosas alunas d'estes estabelecimentos; bastaria só de per si a preferencia dos directores d'etes cursos para bem se justificar a com-



Mademoiselle Alice Dias da Silva



Mademoiselle Lambertini



D. Berta Barros



D. Emilia da Cunha Ledo



D. Sarah Pinto Costa



D. Branca da Gama Ochôa

petência das senhoras e a confiança que lhes merecem.

A sentimentalidade do coração da mulher, a delicadeza de intuição com que penetra nos mais reconditos segredos da arte, a sua modelar persistencia no estudo, concorrem admiravelmente para traduzir nos magicos sons do violino, a justa expressão da idéa e do valor intrinseco que os grandes autores musicaes sonharam imprimir ás suas mais belas composições.



D. Isaura d'Oliveira



D. Margarida Cesar de la Rosa



D. Beatriz Brandão



D. Camila Cesar de la Rosa

A escola do Bairro do "Seculo,,"



O diretor do *Seculo*, sr. Silva Graça, discursando no ato da inauguração da escola no dia 1 de Abril
A escola do Bairro do *Seculo* foi fundada e será mantida exclusivamente a expensas do *Seculo* para o ensino gratuito dos filhos, tanto dos moradores do mesmo bairro, como dos empregados do *Seculo* que se queiram aproveitar d'esse relevante serviço, prestado a eles em especial e à instrução do paiz em geral



NA INAUGURAÇÃO DA ESCOLA

1. Os srs. Gomes de Carvalho, comerciante. 2. Eusebio Gomes de Carvalho, professor da escola. 3. Casiano Pinto, secretário da inspeção escolar. 4. Silva Graça, diretor d'O Seculo. D. Ema Madureira, professora da escola. 6. Antonio Francisco dos Santos, inspetor escolar. 7. Silva Graça, filho. 8. Correia da Silva. 9. engenheiro Sá Carneiro. 10. Manuel Antonio Gomes



Um aspecto da assistência na inauguração da escola
(Clichés de Benollet)

AS ENTREVISTAS DE VIENNA E VENEZA



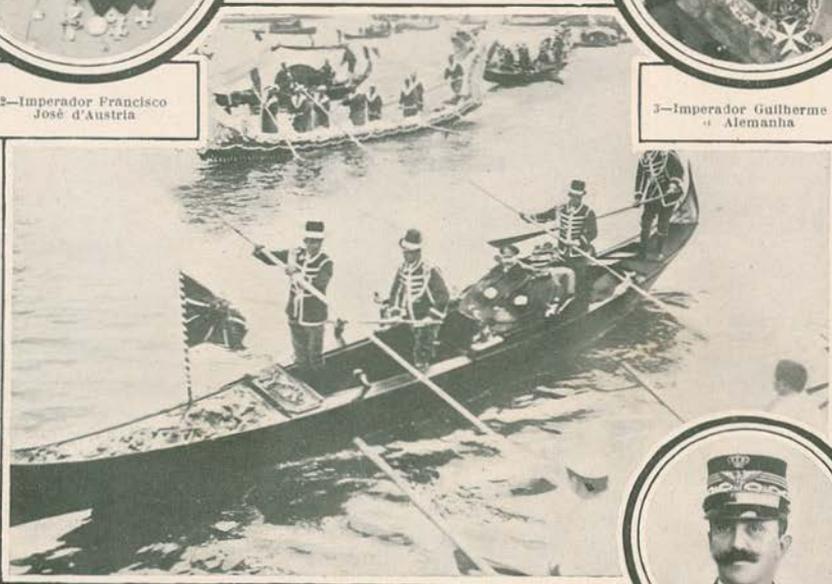
1—Guilherme II indo para o palacio Imperial de Viena



2—Imperador Francisco José d'Austria



3—Imperador Guilherme II «Alemanha»

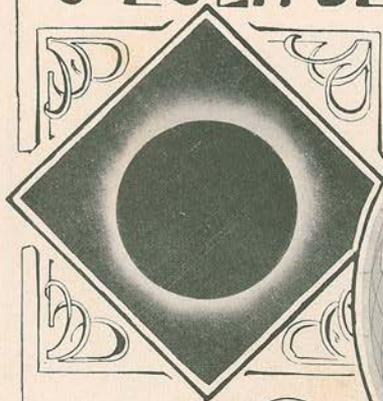


4—Em Veneza: Guilherme II e Vitor Emmanuel III
5—Victor Emmanuel Rei de Italia

(Clichés Delfus)



O ECLIPSE TOTAL DO SOL



A coroa solar de 30 de agosto de 1905, fotografada pelo professor Mengarini

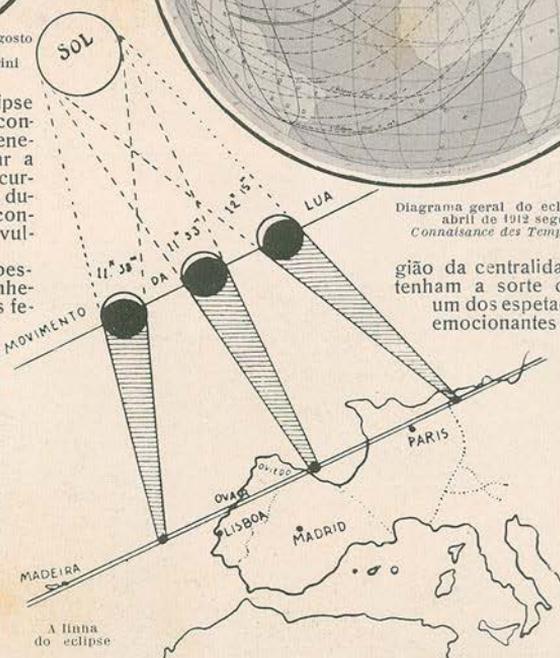
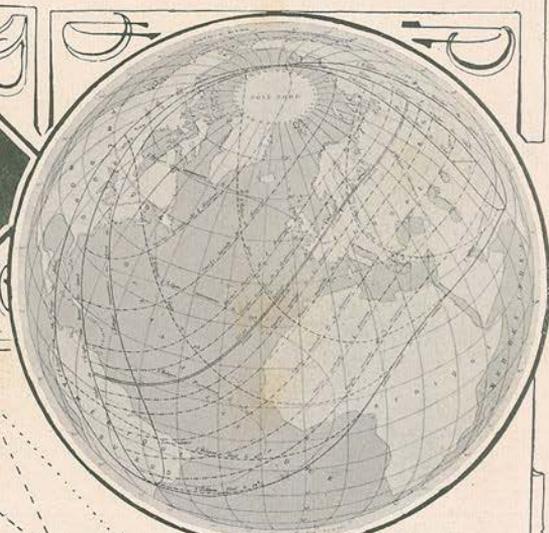


Diagrama geral do eclipse de 17 de abril de 1912 segundo o *Connaissance des Temps*, de Paris

O próximo eclipse do sol é o terceiro acontecimento d'este género que vem visitar a nosso península no curto intervalo de uma duzia de anos, o que constitua facto pouco vulgar.

Hoje todas as pessoas instruidas conhecem a teoria d'estes fenomenos, e aquellas que o não são já não tem, pelo menos, a idéa de uma serpente monstruosa espreitando o movimento dos astros e assaltando-os na passagem.

O desenvolvimento científico, fazendo recuar as fronteiras do inexplicavel, vaé limitando progressivamente a influencia do sobrenatural.

A figura junta onde se nota, para o presente eclipse, a linha que seguirá a sombra da Lua á superficie da Terra, da Madeira a Paris, preten- deo tambem dar uma idéa da causa que o produz, e talvez dispense mais explicações.

Em Lisboa o fenomeno não tem atractivos. Uma diminuição progressiva de luz, um aspecto triste da paisagem, uma iluminação palida dos objetos por occasião da fase maxima, talvez ainda alguma estrella brilhante a descortinar no ceu, e pouco mais.

Mas aqueles que o acaso levar á re-

gião da centralidade, talvez tenham a sorte de admirar um dos espetaculos mais emocionantes que a Natureza nos proporciona.

A aliança do astro do dia com o astro da noite alguma coisa de sublime devia realmente produzir. E', comefeito, n'es-

sa semi-claridade triste e indefinida que impressiona os proprios irracionaes, maior do que a da noite, menor que a do dia, que nasce o fenomeno incomparavel da coroa solar, cuja magnificencia é tal que o cristianismo, não encontrando simbolo mais bello para definir a perfeição, adornou com ella a frente da divindade.

Pelos desenhos juntos pôde ter-se uma palida idéa do que será semelhante espectáculo.

Segundo os calculos do illustre sub-

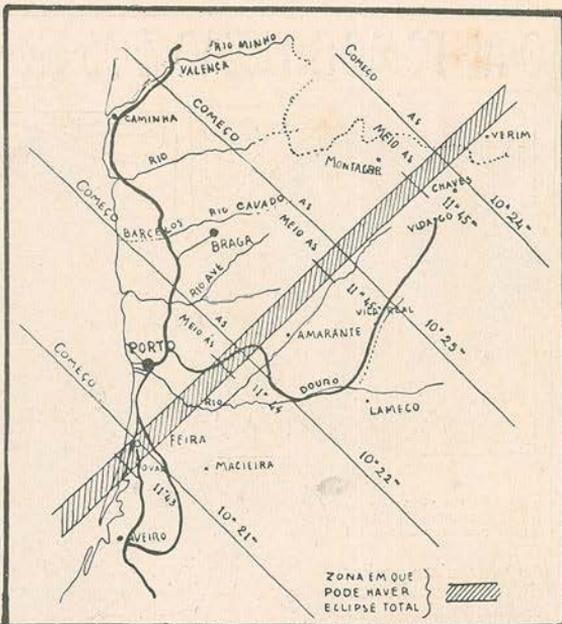
diretor do Observatorio da Tapada ha probabilidades, maiores ou menores, de que o eclipse central se dê ao longo de uma linha, dentro de uma zona de cêrca de 12 kilometros de largura, que vae de Ovar a entre Chaves e Montalegre, passando por Penafiel.

Observações muito importantes que qualquer, dentro d'esta zona, pôde fazer, e que deve publicar ou comunicar a algum estabelecimento científico são:

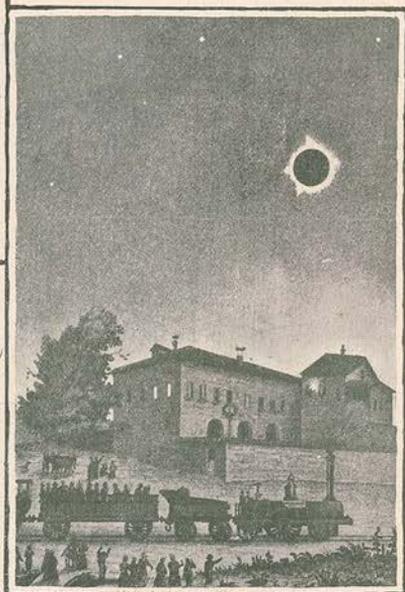
1.º—Notar se o eclipse é total, isto é, se ha aquele salto brusco de iluminação, característico da totalidade.

2.º—Se não é, notar de que lado ficou o filete de Sol não eclipsado, se por baixo, se por cima do disco escuro da Lua.

3.º—Indicar, com rigor, na carta ou por meio de referen-



A linha do eclipse em Portugal



O eclipse em 8 de junho de 1842 em Tungo (Italia)



Eclipse total do sol em 1870: Sombra vacilante observada em Terranova de Sicilia. Visita do rei de Hespanha ao observatorio de Burgos, durante o eclipse de 1905.

cias, o lugar onde se achava. Lisboa, 31 março 1912
Meio e Simas

O AUTOMOBILISMO E OS GRANDES CRIMES



E' o crime mais sensacional do nosso seculo este que os jornaes universalmente estão descrevendo. Lembra um assalto medioevo pela audacia; é tudo quanto ha de mais moderno pelos processos. Seis homens e mbus caram-se no caminho de Paris a Melun, perto de Montegeron, á entrada da floresta de Senart. Tomaram á mão armada um automovel que a casa Dion mandava para Nice, mataram o *chauffeur*, feriram o seu com-

A Societé Générale de Chantilly que os bandidos roubaram,

O *chauffeur* que foi assassinado quando os bandidos roubaram o automovel

panheiro e afastaram-se a toda a velocidade. Duas horas depois chegavam a Chantilly e entravam, de revolver em punho, na sede da sucursal da Societé Générale, matando dois empregados e ferindo um terceiro, levando o dinheiro da cai-



O lugar do atentado, perto de Montegeron

xa que continha cincoenta mil francos. Fugiram, cobrindo a retirada com o maior tirotoio nas ruas da pequena cidade e, metidos no automovel, hoje celebrado, assim galgaram as distancias.

dito especial de 800:000 francos para reforçar os serviços da segurança geral e imediatamente se puzeram em



Bonot, que conduz os automoveis de que o bando se serve

1—Octave Garnier um dos bandi 'os
2—O automovel roubado no caminho de Montegeron

Os gendarmes perseguiram-nos, mas um cavalo á desfilada, montado pelo mais exímio cavaleiro ansioso de servir

à justiça, não pôde lutar com o motor d'um automovel.

Emquanto os gendarmes procuravam tomar o caminho aos bandidos, estes desapareciam.

Em Asnières deixaram o automovel e os gendarmes ali o encontraram, tendo perdido todo o rasto dos bandidos. E' um crime singular que alvoroçou toda a França e causou impressão por toda a parte. Parece que se assiste a uma terrivel fita de cinematografo, preparada habilmente ou se lêem as paginas fantásticas d'um agitado e lugubre romance.

Diante d'esta audacia dos bandidos, a prefeitura da policia pediu um cre-

campo os mais habéis agentes para chegarem á descoberta dos assaltantes.

A vigilancia começou pelos meios anarquistas, procurou-se atentamente o rasto e conseguiu-se, ao cabo de peripecias pelo menos tão romanescas como as do ataque, lançar a mão a um dos criminosos, de nome Soudy, que se refugiara na Bretanha e era acusado de ter sido o guarda porta da Société Général emquanto os outros cometiam os seus crimes de assalto, assassínio e roubo.



O bandido Carouy, tambem conhecido por Leblanc



FIGURAS E FACTOS



O violinista Fermín Fernández, que está tocando com grande successo no Casino do Estoril



No Centro Boto Machado: O patrono e a direção do Centro



3—No Centro Bernardão Machado: A chegada do patrono do Centro para a sessão realisada em 31 de março



4—O quadro ribatejano na festa a favor dos inundados, realisada em 31 de março no Coliseu dos Recreios

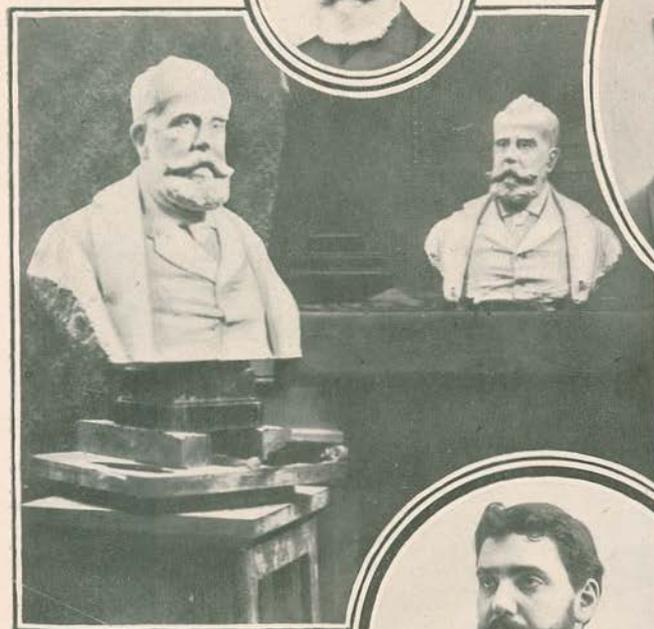
O ilustre escultor sr. Teixeira Lopes con-
cluiu o busto do pre-
sidente da Camara Mu-
nicipal de Lisboa que
se admira na biblioteca



daresiden-
cia do sr.
Anselmo
Braam-
camp Freire.



Engenheiro sr. Sá Carneiro



1—Sr. Anselmo Braamcamp Freire
2—O busto do sr. Anselmo Braamcamp Freire
1—O escultor Teixeira Lopes
(Clichés de Benoiel)

O ilustre capitão de
engenharia, sr. Carlos
Augusto de Sá Carneiro,
acaba de ser louva-
do pelo inextinguível ze-
lo e aptidão com que
fez o projeto e a ins-
talação elétrica das ba-
terias do cam-
po entranchei-
rado já execu-
tados em S. Ju-
liao da Barra,
Medrosa, Lage,
Raposeira, Fon-
tainhas, quar-
teis da Cruz de
Oeiras e Espargal.
Foram uns exem-
plares trabalhos os que
levou a cabo e
que por aquela
fôrma se reco-
nheceram.



Sr. Antonio Bandeira



Dr. Cassiano Neves



Sr. dr. José Joaquim d'Almeida
delegado portuguez ao Congresso de tuber-
culose em Roma

Antonio Bandeira o escritor
gracioso e cintilante roubado ás
letras pela diplomacia, onde con-
quistou tambem um grande lo-
gar, acaba de publicar a sua comedia escrita em francez *Quand
l'atout est coeur* e representada com sucesso em aristocraticos
salões.



A visita do ministro da marinha ao quartel de reformados.
na Junqueira

Em 29 de março o ministro da marinha visitou o quartel de reformados da armada, na Junqueira, assim como o edifício da Cordoaria Nacional, onde esteve assistindo á laboração e analisando os produtos, bem como algumas das matérias primas n'ela empregados, recebendo tambem varios memoriaes de operarios que pediam melhoria de vencimento.



O vice-almirante Augusto
de Castilho

O contra-almirante Augusto de Castilho, faleceu em 31 de março, sendo o seu funeral uma grandiosa manifestação de respeito e de saude.



O enterro do vice-almirante Augusto de Castilho



O RAPTO DA BARONEZA AUSTRIACA



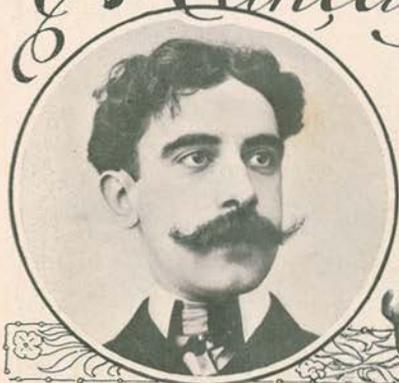
1—A descida da baroneza Edith do *Europa* para o barco que a devia conduzir a Alfandega
 2—Robert Sand, o raptor
 3—Baroneza Edith
 4—O desembarque da Alfandega



5—O desembarque: 1, barão Thlux pae da raptada, 2, sr. Lucio Heitor, chefe adjunto da policia do porto, 3, consui da Austria, 4, baroneza Edith, 5, chefe da policia do porto

(Uliches de Benolie)

A Canção Portuguesa



Julio Dantas, autor da *Eterna Canção*

A ETERNA CANÇÃO

Olho as nuvens doiradas, pelos ares,
Breves como a ventura que perdi...
Olho estrelas do céu, ondas dos mares
E só te vejo a ti!

Oiço os campos onde a agua é um lamento,
E a voz d'oiro das aves canta e ri...
Oiço uivar os pinhaes, gemer o vento,
E só te escuto a ti!

Tudo,— nuvens, estrelas, céu profundo,
Tudo se me turvou quando te vi...
E não has de tu ser todo o meu mundo,
Se eu só te adoro a ti!

JULIO DANTAS.



Dr. Antonio Viana, autor da musica
da *Eterna Canção*



Mademoiselle Maria Emilia Aien,
na *Eterna Canção*
(Cliché J. Fernandes)



Guerra Junqueiro autor da *Moleirinha*



2 e 3—O ator Azevedo recitando a *Moleirinha*



(Clichés J. Fernandes)

A MOLEIRINHA

Pela estrada fóra toc, toc, toc.
 Guia o jumentinho uma velhinha errante
 Como vão ligeiros ambos a reboque
 Antes que anoiteça toc, toc, toc.
 A velhinha atrás e o jumentinho adiante.

Toc, toc, a velha vai para o moinho
 Tem oitenta e seis anos, bem bonito rol...
 E' contudo alegre como um passarinho,
 Toc, toc, e fresca como o branco linho
 De manhã nas relvas a corar ao sol.

Toc, toc é noite...ouvem-se ao longe os sinos
 Moleirinha branca, branca do luar!
 Toc, toc e os astros abrem diamantinos
 Como estremunhados cherubins divinos
 Os olhitos meigos para a vér passar!

Toc, toc, e vindo, s' deral tesoiro
 Entre os milhões d'astros o luar sem veu
 O burrico pensa: Quanto milho loiro!
 Quem será que moe esta farinha d'oiro
 Com a mó de jaspe que anda além do céu.

GUERRA JUNQUEIRO.

ESFOLHADA

Lá se vão as raparigas
esfolhar
Médas de loiras espigas
ao luar

Sente-se a festa na aldeia
começar
Depois surge a lua cheia
a brilhar.



O sr. dr. Antonio Arroio que fez a primeira conferencia sobre a *Canção portugueza*

A canção portugueza faz carreira. Do palco do Republica, onde o ator Alexandre d'Azevedo a introduziu, passou para os salões e é assim que um grupo gentilissimo de senhoras a ensaia sob a direcção do sr. dr. Antonio Viana. Musica adovavel de maestros, composições requintadas de poetas, e na sua simplicidade encantadora, se ouve n'essas reuniões, todas de subtil encanto, em que soam vozinhas educadas na expressão emotiva das canções, nos *refrains* cheios de ritmo.

Guerra Junqueiro dá a melodia poetica n'um estribilho de verdade; Lopes Vieira, um pregão a



Sr. Acurelo Cardoso, autor da *Esfolhada*

ser o *refrain* d'um descrito singelo; Gil, uma subtilza n'uma ironia; Correia d'Oliveira, a poesia genuina e pura que parece vir do povo e para o povo caminhar e assim os outros, toda a pleiade de poetas moços e velhos, dos maestros consagrados e incipientes se vae dedicar á canção nacional.

Procurar no fundo da nossa tradição o que nossos avós disseram nas suas horas de alegria é encontrar sempre o terço religioso com a farofia guerreira que se vê no *Mirandum*, *Mirandum*, *Mirandela*, e nas canções d'onde ella vem, creadas á luz ardente do sol da Provença, d'onde irradia a alma latina.



A sr.ª D. Maria Amelia Pinheiro na *Esfolhada* (ilicé J. Fernandes).

Passam-se as horas cantando
sempre a rir
Vae-se o milho esfolhando
sem sentir

Arabam as lavradeiras
de o lidar
E o grão fica sobre as eiras
a espera.

Acurelo Cardoso.



Sr.ª D. Judit Bramão, que entra nos còros da *Canção portugueza*



Sr.ª D. Lia Pequeto, que entra nos còros da *Canção portugueza*

Nos novos trechos da canção portuguesa ha uma sentimentalidade que se marca intensamente e que nos é transmitida pela voz d'aque-



aspectos do ensaio d'esses trabalhos, não pôde deixar de aplaudir a iniciativa que, vindo de um artista, assim caminhou para a nossa socie-

1—O sr. Tomaz Borja, autor da musica dos Morangos
2—Sr. Lopes Vieira, autor dos Morangos

OS MORANGOS

Pelas tardinhas serenas
pelas tardinhas amáveis,
o pregão passa a cantar
e cresce e floresce no ar:
merc'ó cabaz de morangos?...

Os morangos encarnados!
Os morangos perfumados!
Pelas tardinhas de verão
passa na rua o pregão:
Merc'ó cabaz de morangos?...

E nas ruas da cidade
elle desperta a saudade
da terra verde dos montes,
e dos vales e das fontes...
Merc'ó cabaz de morangos?

E os morangos encarnados,
os morangos perfumados
iluminam tudo em roda,
perfumam a rua toda:
Merc'ó cabaz de morangos?...



3 e 4—Sr.^{as} D. Emicilda Santos que canta os Morangos

(Clichés J. Fernandes)

las gracios senhoras que tão cuidadosamente a vão cultivando.

A Ilustração Portuguesa, inserindo

5—A atriz Flora Dyson que cantou a canção portuguesa

6—Sr. Stuart Torrie autor de varios trechos musicaes da canção

dade elegante de uma fôrma brilhante, decerto brevemente exteriorizada n'uma festa de caridade.



A canção portuguesa por senhoras da nossa sociedade
O grupo das cantoras rodeando o seu ensalador e autor da canção sr. dr. Antonio Viana

Estrelas de Paris

STACIA
NAPIERKOWSKA



Não é fácil ser uma estrela em Paris e conservar durante muitos anos o seu brilho. Sarah conseguiu conquistar ha meio século a grande cidade e tem sido a mais duradoura das suas soberanas n'essas regiões da arte.

Em todo o caso a mais difficil soberania a manter, mais que a dos reis ainda, é a d'uma bailarina. Precisa toda a graça, todo o encanto, toda a maravilhosa linha, alguma coisa que é irradiante, da mulher artista que deslumbra o publico.

Falar d'uma d'essas sublimes bailarinas é evocar n'um momento a Cremnitz, aquela linda figura de velhinha, colocada no *Nabab*, a um

canto do atelier da requestada Felicia, mexendo os seus pés minusculos diante dos quaes imperadores e milionarios tinham ajoelhado.

Todo o seu passado de triumphos recordava com o olhar velado, as apoteoses, as loucuras, as flores atiradas com uma prodigalidade estrada

adoradores deslumbrados.

Paris tem sempre uma encantadora mulher assim; uma deusa que nos aparece n'uma nuvem de rendas, n'um fulgor de joias.

A bailarina Napierkowska, que Paris celebrizou nos seus melhores palcos, é agora, na grande

Stacia Napierkowska

capital, o melhor atrativo da nova revista do Olimpia.

De regresso do estrangeiro e em vespéras, ao que se diz, de partir para a America onde faustos empregarios a reclamam, a ilustre artista não recusou ao publico pari-



siense o grande prazer de a admirar mais uma vez.

N'esse novo espetáculo que a empresa do Olimpia montou com uma opulencia deslumbrante, made, noiselle Napierkowska aparece apenas em duas cenas. Mas são



deliciosamente inolvidaveis esses momentos em que os nossos olhos contemplam toda a graça harmoniosa das suas atitudes, todo o soberano poder da sua arte perfeita, toda a pureza do seu perfil florentino, o misterio do seu olhar profundo, a eurtmia estranha dos seus gestos ..

Grande artista é-o, sem duvida, a antiga *étoile* da Opera e da Opera-Comique.

E não se julgue que é muito facil sel-o n'essa que já Barbey d'Aurevilly dizia ser «a mais difficil das artes de expressão».



A GREVE DOS MINEIROS EM INGLATERRA.



Homens e mulheres nas minas buscando restos de carvão para revender

Ainda não está solucionada a greve dos mineiros e isso não sucederá sem que seja decretada a lei do salário mínimo.

Nos varios centros mineiros exigem-se pagamentos que regulam entre mil e novecentos e mil e oitocentos réis diários.

Em Yorkshire pede-se a mais alta quantia, em Gloucester a mais baixa, estando os mineiros dispostos a não ceder nem um palmo de terreno nas suas reclamações.

E' assim que nas regiões de Yorkshire, Gales do Norte, Derbyshire, Nottingham e Leicester, e Gales do Sul, se insiste no salário entre mil e novecentos e mil e oitocentos réis, Lancashire, Cumberland, e Northumberland dezaíseis tostões, Durban e Cleveland quatorze e Gloucester e Escocia mil e trezentos. A caixa sindical está quasi esgotada, mas a vitória dos proletários tende a ser um facto.



2—O ministro do trabalho, sr. Burns, indo para o Parlamento

3—Sir George Askwith e Mr. Mitchell que em nome do governo tem tratado com os grevistas, dirigindo-se para a Camara dos Comuns

(Cliches Déliús).



1—A paga aos obreiros nos escritorios do sindicato
 2—O sr. Asquith apresentando
 na Camara dos Comuns o projeto
 do salario minimo



3—Aspetto d'una mina abandonada

COIMBRA ESCOLA DA VIDA

Terra das multas e desvaivadas gentes, d'ela falava o cronista. E não creio que hoje em dia outra seja senão Coimbra, cidade rude e mesquinha.

Até Deus n'isso a favoreceu, reparem!

Quem divagar pelos arrabaldes adoráveis, apoteoses de luz, côr e cenário audaciosamente requintado, logo ha de cativar-se enternecido. Ao redor de Coimbra tudo é lindo, doce e mente vago, eternamente belo, abismos de uma côr azul a pensar-se com enlevo n'um esquecimento querido de toda a vida.

Longes e remotos, e ter um regaço de paizagem em que os olhos se inundem jubilosos, é possuir a alma consolada de esperanças nos momentos de tristeza.

Sem que- rer nos aproximamos da cidade, e porque a memoria e os sentidos veem ainda enamorados dos trechos d'além, cautelosamente a cidade se arrisca, aqui umas casas, agora outras mais erguidas, acamando-se n'uma lomba muito branca que vae alteando, alteando vagarosa, até subir em castelo lá alto á Universidade. Assim sabe ela que não virá atemorizar nem mal dispôr: logo, porque tenuemente nos veiu repuxando até ás suas primeiras ruas. E, caídos na armadilha—que fazer?—eis Coimbra-cidade, horrorosamente feia, apertada, mal composta, *vieille roche à dernie* e pretendendo, n'umas escancaradas ruas mal calçadas, que já tem



A Universidade de Coimbra



Alentejo
122 es-
tudantes



Traz-os-Montes 39 estudantes
A figuração das provincias proporcional
ao numero de estudantes
que cada uma envia á Universidade.
Escala: 13,75" de altura para cada 30 estudantes

bairros modernos. Lembra-se a gente, quando cá fica pela primeira vez, de aqueles momentos succumbidos da nossa meninice, quando os paes se despediam e nós deixavam internos n'um collegio. Tudo antipatico, esquivo, sem desejos de conviver e os nossos olhos presos nos caixilhos da janela, a vêr os que andavam e saiam com liberdade...

No meio de tudo aquilo—de tudo isto—vae a gente creando uma alma nova, não que deixe de irritar-se, nas que sofra melhor todos os outros, guardando o mau humor só para si. Padece mais, mas habitua-se a um superlativo de contrariedade que é já uma emoção desconhecida dos outros.

Começa então a conhecer os que por cá vivem, n'esta «terra de multas e desvaivadas gentes». Oito dias bastariam para um album completo de tipos aqui estudando que são todo o dicionario da perfidia, desde o verbo navalhar até aos zig-zags dos falsos amigos que nos procuram e logo derivam a levar novas para outros.

Aquele menino que em Viana ao mestre informava dos condiscipulos e no dia seguinte ia estudar, por favor, com os que denunciára, aqui se acamara da com o cauteloso da Beira, sempre avisado e



Beira 112 estudantes

bem prevenido, combinando tudo para amanhã, amanhã se o tempo estiver bom, todos concordarem e o lento anã. E quando tudo já está arranjado, logo o do Algarve propõe que essa vantagem cubra apenas os que trataram do caso. Os outros, que tornem a pedir como elles...

Na vespera dos atos, é-se abordado sempre por creaturas variadas: um, que deseja aproveitar da nossa bagagem de estudo, outro, que deseja avalial-a. O estremenho, lisboeta quasi sempre, quererá tudo resumidinho, em *aperçu*, aquele restrito sumo que chegue para impôr no ato a opinião e vestil-a depois de galas petulantes e audaciosas.

No mais impressionado da discussão, que, por habitudo ao meio de Lisboa, ele ha de interessar por uma nota viva e extra-vulgar de cultura, ele se irará impulsivo, simulando duas hipoteses desconcertantes e, tão infalivel como a pastilha de chocolate quando se deita o vintem, ele conta com a nota alta compensadora.

O duriente, não, não se arrisca assim nas lutas de Minerva quando ela usa *travesti* de Palas. Nada...

O que ele quer saber ao certo é quanto a gente estudou, como, por que creaturas expositores, e que nota se calcula apanhar.

Depois, fará perguntas, a sondar o que ele não sabe e o que sobre nós conhece já. E surrâteiro sae, ou contente a conjecturar uma nota mais alta ainda, ou temeroso a en-

fronhar-se de novo, a vér aquilo que nós trauteavamos salteado e elle apenas sabe de cor. Olhem se lá me perguntam aquilo!... diz comsigo. Que dura, mas habil escola de vida, Coimbra! Que n'este convívio de cada dia, onde, sem cessar, n'uma furia insana, n'uma excitação impetuosa, se anavalham os camaradas, todos se ficam conhecendo, porque em geral todos se mesclam nos mesmos acontecimentos e se decoram as attitudes. Mas tudo logo é desvirtuado, contorcido, e uma censura referida aqui na Baixa, d'ái a instantes é narrada como a ultima das vilanias n'um restaurante da Alta.

A' falta de originalidade, de noticias, de interesse, como n'outro artigo já notei, usam a intriga, a maisinação, o enredo bem tecido que se milharisa de teias n'esta cidade, tão propicia ao soalheiro, onde quasi todas as casas teem portas baixas para mais occultamente abrigar as confidencias sobre tudo quanto cada qual viu na sua rua...

Sem laivos de pessimista, posso bem afirmar que, contraídas em Coimbra, não ha hoje já d'aquelas afetuosas e solidas amizades começadas n'um grande abraço de simpatia, n'um acaso generoso, nunca mais se perdiam pela vida fóra, e antes em cada instante de querido encontro se enraizavam cada vez mais estreitamente à lembrança dos bons tempos de Coimbra.

E ficavam os olhos, de lagrimas, saudosos, havia uma sorridente e levisimo alusão a um peregrino vulto de mulher, airosta e linda, que lá ficára com o ultimo dia de estudantes.—Aquele Elvirinha, a S. João, lembraste?... minutos de emudecida saudade! Mas, ah! tão bons amigos fomos sempre! diziam nossos paes com os olhos rasos de lagrimas.

Mas hoje ninguem encontrará d'isso: o caloiro, mal entra, vae logo já secretaria saber quantos estão matriculados, porque todos lhe são rivaes e desde logo sente o desejo da primeira aula para medir o curso.

Algarve 36 estudantes



vo, a saber que notas trouxeram, quem são os mais temidos. Desde então tudo se acotovelava, n'uma furia doida, na ardençia do penacho—como nos ajuntamentos nós vêmós ás vezes um baixinho fincar com aspera pertinácia

as mãos nos
hombros vizi-
nhos para se
destacar e vêr
melhor.

Até ao quarto
ano ainda lhes restarão uns
leves tons de escrupulo,
mas chegado o quinto ano
—escusam de pensar— não
há um que não descambe
no mais patente amoral,
sem pruridos nem temores
de aparecer como realmen-
te é: um creaturo absolutam-
ente livre, *absolutam nte*,
de quaesquer preconcei-
tos.

O colega que ele abra-
ça é o concorrente de ama-
nhã, que ele já alfineta ago-
ra, pois pôde antecipar-se-
lhe na primeira causa ga-



nha — embora
seja uma defe-
za gratuita. Che-
ga-lhe então a
louca vesania
do réclamo,
n'uma anciedade ardida
de estoirar o nome em
qualquer jornal para que,
ao formar-se, ele tenha
já sinal aberto na feira
das vaidades.

Coisa cu iosa: nenhum
quer ser fabulosamente
rico, possuir palacios en-
cantados, ou merecer,
alcançar uma linda mu-
lher galante, e tudo se
lança denodado, avido,
na pugna das letras, da
exibição taful da *toilette*
berrante e do pensa-
mento vistoso.



Minho 13 estudantes

Douro
191
estudantes

O retrato!
Ter o retrato
ainda que fóra
entre os cura-
dos pelo *pei-
toral de cere-
ja Ayer*, eis o
desideratum
querido do
quintanista de
Coimbra. São
os duzentos do
Douro, os cem
estremenhos,
lisboetas quasi
todos, trinta
ilheus, os vin-
te e pouco
alentejanos
decididos, e,
eu sei, toda
essa população
escolar que,
a manhada



Estremadura 98 estudantes

n'um magote se reduz a isto. vaidade, vaidade e vaidade!

Um meu amigo, ponderada creatura, enumerando as profissões mais valiosas n'este mundo vivas enfileirava assim:

General, Generalissimo, Rei, Imperador, Papa e... Burnay. Mas a Academia de Coimbra, ou os de direito apenas, se quizerem restringir, têm por segredo ideal — *ia jural* — ser futuramente o *simile* d'uma d'estas figuras muito discutidas, como o sr. d'Arruela, Lloyd George ou o deputado Celorico...

18 de Fevereiro de 1912.

JOÃO MARIA DE MAGALHÃES COLAÇO.

